

## **As Amazônias em suas múltiplas fronteiras. Histórias contestadas, culturas emergentes, territorialidades nacionais**

### **The Amazon in its multiple borders. Contested stories, emerging cultures, national territorialities**

*Vitali Joanoni Neto*

Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil  
[vitalejneto@gmail.com](mailto:vitalejneto@gmail.com)

*Antonio A. R. Ioris*

Lecturer in Geography  
School of Geography and Planning, Cardiff University, Brasil  
[IorisA@cardiff.ac.uk](mailto:IorisA@cardiff.ac.uk)

A quem pertence a Amazônia? Pertence ao índio, visto como habitante original da floresta, e em razão disso e de diferentes concepções acerca do mundo natural, tomado por vezes como dotado de capacidade inata de conviver na e com a floresta e por outros, paradoxalmente, como incivilizado, portanto, empecilho ao melhor aproveitamento dos recursos e potenciais presentes nesse meio? Pertence ao seringueiro, esse migrante que, levado à floresta, aprendeu a retirar o látex e foi frequentemente obrigado a entregá-lo a preço aviltante em um regime de barracão, recebendo produtos e víveres sobrevalorizados como pagamento por seu duro fazer diário em meio à floresta? Dada a sua origem social que beira a indigência, esse grupo social é, tal como os povos indígenas, desconsiderado das discussões acerca do melhor aproveitamento dos recursos naturais presentes na floresta, ambos marginalizados devido à sua etnicidade e condição subalterna. Pertence ao garimpeiro que adentra na região, desconsiderando as necessidades e atividades dos outros grupos sociais, revolvendo o solo e os cursos de água em busca dos minérios que, uma vez retirados, farão a riqueza de outras pessoas, muitas vezes em locais bem distantes? Pertence ao fazendeiro que entra e se estabelece de forma irregular em uma porção da terra, lastreado por documento de propriedade de valor questionável, que substitui parte da floresta e sua riquíssima biodiversidade por pasto ou plantação com vistas a atender às demandas de mercados (hoje) mundiais? Pertence às grandes empresas e corporações que, em áreas muito diversas, invariavelmente exploram a região visando assegurar o retorno de seus investimentos e a geração de lucros voltados para outros centros econômicos descompromissados da realidade local? Enfim, a quem pertence a Amazônia? A nenhum desses personagens, pois ao atribuímos a posse, pensamos à luz do paradigma iluminista de propriedade privada, inspirada na ideias de autores como Bacon, Locke e Adam Smith,

conformamo-nos com uma lógica individualista tão exacerbada a partir do século XIX com o Imperialismo europeu sobre África e Ásia, com os colonizadores auto proclamando-se senhores de terras, povos e natureza, o que os “autorizava” a tomar ações contra os moradores ancestrais e sua condição socioespacial. A Amazônia não “pertence”, ela é um complexo convergente de sócio políticos, econômicos, culturais e naturais que se transforma constantemente devido à interação entres todos esses fatores. Esse paradigma ocidental contemporâneo considera possível dominar definitivamente pessoas e natureza, apossar-se, tomar para si, individualmente, desconsiderando o fato de fazer parte do que se está dominando. Em outras palavras, não existe a Amazônia e o indivíduo, ou este e o planeta, de modo dissociado. Há uma relação complexa, direta e inextricável que liga cada ser vivo, cada acidente geográfico e que nos torna (todos) parte desse mundo. Falar em defesa da Amazônia está muito além da defesa de certas espécies de aves – e aqui ressalta uma frase dita pelo presidente da FAMATO, Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso quando perguntado sobre o avanço do agronegócio sobre a floresta: “A sociedade mato-grossense terá que escolher entre apreciar passarinhos ou desenvolver-se economicamente” – ou da defesa da árvore, aqui propositalmente no singular para dar conta das estimadas 400 milhões, existentes nessa floresta, enfim falar pela preservação da Floresta Amazônica é falar da vida, que não desconsidera a economia, mas vai bem além dela. É a isso que a Rede internacional de Pesquisa Agrocultures <<https://www.agrocultures.org/>> se propõe. A busca de um conjunto de conhecimentos que possibilitem ir além das soluções fechadas em paradigmas, marcadas por visões dicotômicas ou tautológicas. A rede Agrocultures têm buscado reunir pesquisadores de todo o mundo que tenham envolvimento com temas relacionados à Amazônia, promovendo encontros entre esses pesquisadores, trocas muito produtivas de conhecimentos e ações propositivas envolvendo os diferentes grupos sociais que ocupam a floresta. A iniciativa quer criar um espaço inovador de discussões e interações entre acadêmicos e não acadêmicos, focado no conhecimento local, hábitos, idiomas e subjetividades no contexto de uma realidade cultural e espacial em rápida mudança, profundamente politizada e sob a influência de uma perspectiva de modernização que hoje se mostra claramente insustentável. Esse dossiê aqui proposto pretende ser mais uma ação da Rede Agrocultures nessa direção.